



DO PÚBLICO AO PRIVADO: AS HIERARQUIAS DA VIOLÊNCIA EM TERRÁQUEOS, DE SAYAKA MURATA

FROM PUBLIC TO PRIVATE: THE HIERARCHIES OF
VIOLENCE IN EARTHLINGS, BY SAYAKA MURATA

Sarah Micaia Benevides Figueira

<https://orcid.org/0000-0002-7315-4057>

Cacio José Ferreira

<https://orcid.org/0000-0003-0009-226X>

Resumo: Na modernidade, as relações de poder e violência tomam forma sutil, se integrando nas demais esferas sociais e submetendo os indivíduos à auto exploração, ao excesso e os tornando propícios a violência física, verbal e sexual. Nesse contexto, Sayaka Murata, renomada escritora japonesa da atualidade, retrata em suas obras indivíduos que não são representados em categorias de gênero e sexualidade pré-estabelecidas, tornando-os assim vítimas de um sistema que oprime em macro e microsferas. O objetivo principal desta pesquisa é analisar a violência sofrida pela personagem Natsuki na obra *Terráqueos* (2021), em três categorias: a pública, a familiar e a sexual. De natureza bibliográfica, foram utilizados como principais bases teóricas as obras de Michel Foucault (2021), Byung-Chul Han (2017), Guacira Lopes Louro (2013) e Everton de Oliveira Maraldi (2014). O trabalho surgiu pela escassa quantidade de pesquisas envolvendo as obras de Sayaka Murata no Brasil em contraste com o aumento de obras traduzidas. O artigo foi realizado em três momentos: primeiramente, um breve resumo da obra; em seguida, a contextualização entre a obra, a biopolítica com a queda da taxa de natalidade no Japão; por fim, uma discussão sobre os colaboradores da violência sexual sofrida por Natsuki, assim como as consequências psicológicas e físicas que perduram até a vida adulta. Conclui-se que Sayaka Murata traz em sua obra a forma como uma vítima de macro e micro violências se reconfigura na sociedade, enquanto lida com os traumas, o silenciamento e as constantes pressões sociais que procuram normatizá-la.

Palavras-chave: Sayaka Murata. Violência. Literatura Japonesa Contemporânea.

Abstract: In modern times, power relations and violence take subtle forms, integrating into other social spheres and subjecting individuals to self-exploitation, excess, and making them prone to physical, verbal, and sexual violence. In this context, Sayaka Murata, a renowned contemporary Japanese writer, portrays individuals who are not represented by pre-established categories of gender and sexuality, thus making them victims of a system that oppresses at both macro and micro levels. The main objective of this research is to analyze the violence suffered by the character Natsuki in the work *“Earthlings”* (2021), in three categories: public, familial, and sexual. Of a bibliographic nature, the works of Michel Foucault (2021), Byung-Chul Han (2017), Guacira Lopes Louro (2013), and Everton de Oliveira Maraldi (2014) were used as the main theoretical bases. This work arose from the scarcity of research on Sayaka Murata’s works in Brazil, in contrast to the increasing number of translated works. The article was written in three parts: first, a brief summary of the work; then, a contextualization of the work, biopolitics, and the declining birth rate in Japan; and finally, a discussion of the contributors to the sexual violence Natsuki suffered, as well as the psychological and physical consequences that persist into adulthood. The conclusion is that Sayaka Murata’s work portrays how a victim of macro- and micro-violence reconfigures herself in society, while dealing with trauma, silencing, and the constant social pressures that seek to normalize her.

Keywords: Sayaka Murata. Violence. Contemporary Japanese Literature.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Relações de poder e violência são intrínsecos à sociedade, independente de época, local e contexto sociocultural. Na modernidade, o poder e a violência tomam formas menos perceptíveis, integrando-se nas esferas públicas e privadas. O poder, uma vez punitivo, assume características maleáveis, mediando o que deve ou não ser considerado normal, excluindo corpos desviantes e tornando os indivíduos seus próprios vigilantes.

A violência apresenta manifestações macrofísicas e microfísicas. Sua forma macrofísica é marcada pela negatividade, pela bipolaridade eu/outro, dentro/fora, se manifestando de maneira explosiva e intensa, como a violência por tortura ou de linguagem. Já sua forma microfísica, pela violência sistêmica, caracterizada pela subordinação de seu corpo social, pela autoexploração, positividade – que exclui a presença do outro – e pelo excesso. Seja na esfera pública ou na privada, a violência se faz presente, ainda que invisível. Logo, o indivíduo necessita lidar com a violência cotidiana, em sua hierarquia sutil, do ambiente público (como escola e trabalho) até o privado, como o ambiente familiar. A combinação de uma sociedade que reforça atos violentos imperceptíveis e de um ambiente familiar abusivo e negligente torna o indivíduo propício a sofrer outras formas de violência, como a física (bullying) ou sexual.

Nessa perspectiva, este artigo analisa a violência sofrida por Natsuki em três categorias: a sociedade japonesa como um todo, voltada para a produção de corpos heteronormativos e aumento da taxa de natalidade; o ambiente familiar e a violência doméstica; e a violência sexual, no que se diz aos processos que o possibilitam, assim como silenciam suas

vítimas. Sayaka Murata, escritora japonesa contemporânea, internacionalmente reconhecida, trabalha com temas não frequentemente abordados no cânone literário japonês: a não conformidade na sociedade japonesa contemporânea, papéis de gênero, sexualidade, maternidade, além de temas polêmicos, como canibalismo, violência sexual e violência doméstica. Há poucos trabalhos envolvendo as obras de Sayaka Murata no Brasil, embora pesquisas envolvendo literatura japonesa contemporânea sejam exploradas em maior grau.

Assim, analisa-se como se relacionam essas principais esferas sociais na reprodução de violências cotidianas na obra *Terráqueos* (2021), de Sayaka Murata. Ainda, discutem-se as diversas consequências, sejam físicas ou psicológicas, na vida da vítima, Natsuki, como em Yuu, seu primo, e Tomoya, seu marido. O aporte teórico do artigo volta-se para a temática da microfísica da violência. Em um primeiro momento, intitulado “Através de olhos extraterrestres”, é realizada breve apresentação da autora e da obra, como enredo, tempo, espaço, personagens e foco narrativo. Na sequência, “Uma fábrica de fazer bebês: a biopolítica”, é abordado o aspecto sistêmico da violência, na qual relaciona-se o fenômeno da população envelhecida com a manipulação de indivíduos na formação de casais heteronormativos desde a infância, entrelaçadas as obras *Microfísica do poder* (2021), de Michel Foucault, *Topologia da violência* (2017), de Byung-Chul Han, e “Pedagogias da sexualidade”, em *O corpo educado* (2013), de Guacira Lopes Louro. Na parte seguinte do texto, em “Quando a dor encontra o silêncio: a violência sexual”, adentramos na questão do abuso sexual, e a maneira como uma sociedade que relativiza o abuso sofrido com base em sua posição

hierárquica e um ambiente familiar que reprime contribuem para o silenciamento da vítima e perpetuação do abuso.

SAYAKA MURATA E A ESCRITA SUBVERSIVA

Sayaka Murata nasceu em Inzai, na província de Chiba, em 1979. Desde a infância é fã de mangás e ficção científica, e escreve histórias desde o ensino fundamental. Sua família se mudou para Tóquio ao entrar no ensino médio, onde completou seus estudos na escola Kashiwa. Graduiu-se na Universidade de Tamagawa. Estreou no meio literário com a obra *Jyunyū* (Amamentação), pelo qual recebeu o Prêmio Gunzo para Novos Escritores em 2003. Em 2009 foi indicada ao Prêmio Yukio Mishima e venceu o Prêmio Literário Noma, ambos com a obra *Gin iro no uta* (A canção prateada, em tradução livre, 2009). Suas obras *Hoshi ga sū mizu* (Água bebida por estrelas, em tradução livre, 2010) e *Tadaima Tobira* (2012) também foram indicados ao Prêmio Yukio Mishima, mas Murata veio a receber o prêmio somente em 2013 com seu romance *Shiro-iro no machi no, sono hone no taion no* (Do calor corporal, dos ossos, da cidade branca, em tradução livre, 2012). Em 2016 publicou o livro *Konbini Nigen*, pelo qual se tornou um fenômeno literário após receber o Prêmio Akutagawa. A obra foi publicada no Brasil em 2018 pela editora Estação Liberdade, sob o título de Querida Konbini, com tradução de Rita Kohl. A propósito, Sayaka Murata trabalhou por mais de uma década em uma loja de conveniência, largando o emprego um ano depois da estreia de *Konbini Ningen* (2016). Segundo a escritora, o trabalho na loja ajudava a conciliar sua rotina de escrita, além de possibilitar que pudesse observar pessoas em seu cotidiano. Seu romance *Chikyū seijin* (2018) também foi publicado no Brasil como

Terráqueos pela editora Estação Liberdade, mais uma vez com tradução de Rita Kohl, em 2021. Além de romances, Sayaka Murata também é conhecida por seus contos, como "Seiketsu na kekkon", publicado sob o título de "Um casamento limpo" na Granta Vol. 13: Traição, também em tradução de Rita Kohl. A história gira em torno de um casal que deseja ter um filho sem precisar fazer sexo. A escritora também tem ensaios publicados, como *Watashi ga tabeta hon* (O livro que eu comi, em tradução livre, 2018), obra que reúne diversos ensaios, nos quais divaga sobre suas influências literárias, livros que gostava quando jovem e pequenas resenhas de livros publicados em revistas do decorrer de sua carreira. Suas obras possuem como principais temas a não conformidade e tabus dentro da sociedade japonesa, tanto nas relações de gênero, quanto trabalho, sexualidade e individualidade, integrando frequentemente elementos de horror, distópicos ou de 5 estranheza. A obra analisada neste artigo, *Terráqueos* (2021), um salto que Murata faz em direção a percepções mais absurdas da sociedade japonesa, trata de questões como sexualidade, casamento, relações de gênero e vida profissional.

5

ATRAVÉS DE OLHOS EXTRATERRESTRES: *TERRÁQUEOS*, DE SAYAKA MURATA

Publicado pela primeira vez em 2018, *Chikyū Seijin* é o mais recente romance de Sayaka Murata traduzido para o Brasil. Sob tradução de Rita Kohl, a obra, intitulada *Terráqueos*, foi lançada em 2021, pela Estação Liberdade. A obra possui 288 páginas e conta a vida de Natsuki, desde sua infância, quando seu único prazer era passar os verões na casa dos avós nas montanhas de Akishina, no interior de Nagano, prefeitura no litoral do Japão, até a vida adulta, em que vive um

casamento de fachada com Tomoya Miyazawa, em Chiba. Narrada em primeira pessoa pela protagonista, a história é dividida em seis capítulos principais, e pequenos episódios dentro de cada capítulo. Além de Natsuki, outros personagens recorrentes são a família de Natsuki, a irmã mais nova Kise, pai e mãe, Yuu, primo com quem Natsuki “namora” durante a infância, Shizuka, uma amiga da escola, e seu marido de fachada, Tomoya.

Não são apresentadas datas específicas durante a obra inteira, tendo como único símbolo temporal a presença de *smartphones* e internet sem fio durante a vida adulta de Natsuki. A história se desenvolve em um tempo cronológico, com constantes retomadas de memória da protagonista, dividindo a obra em dois momentos: os primeiros dois capítulos abordam a infância de Natsuki, sua relação conturbada com a família, visitas ocasionais a casa dos avós, e um acontecimento traumático que desestabiliza sua vida; no terceiro capítulo há um salto temporal de vinte e três anos, a partir do qual a narrativa vai assumindo gradativamente características absurdas, com episódios de assassinato e canibalismo. Os principais espaços presentes na obra são Chiba, onde Natsuki passa a vida inteira, e Akishina, em Nagano.

Durante a infância de Natsuki, o leitor é apresentado a um ambiente familiar instável e violento: o pai é ausente, enquanto a mãe e irmã mais nova, Kise, abusam verbalmente e fisicamente de Natsuki com frequência. No ambiente escolar, o corpo docente percebe determinados sinais de insegurança na protagonista, que busca sempre manter um desempenho alto. Além disso, constantes assédios de um professor universitário tornava a situação de Natsuki ainda mais traumática. O único consolo que a menina encontra durante a

infância é a crença de ser uma garota mágica, seu companheiro Piyut, um bichinho de pelúcia – que revela, somente para Natsuki, ser uma criatura mágica do planeta Powapipinpobopia – e o primo Yuu – que também afirma ser um extraterrestre –, com quem vive um “namoro” de infância.

Após um episódio traumático de violência sexual, Natsuki retorna para a casa dos avós para um funeral, e decide se casar e entregar o corpo – através de uma relação sexual – a Yuu. Os dois dormem no quintal de casa e ao acordar no meio da madrugada Natsuki pretende se suicidar, mas é impedida por Yuu. A família os encontra, um alvoroço é gerado e os dois são separados. A primeira parte da narrativa finaliza com Natsuki voltando para casa. Ao parar em um posto no caminho, a garota encontra os votos de seu casamento com Yuu no sapato, com um adendo: “sobreviver, haja o que houver” (Murata, 2021, p. 110).

A segunda parte da obra se passa vinte e três anos depois. Natsuki vive um casamento falso com Tomoya, no intuito fugir da família, que a monitora rigorosamente desde o episódio com Yuu. Quando os dois se encontram desempregados, decidem visitar a antiga casa dos avós de Natsuki em Akishina, onde encontram Yuu. A medida em que Natsuki, Tomoya e Yuu se desvinculam da sociedade, aceitando uma identidade alienígena – como habitantes de Powapipinpobopia –, a narrativa assume características mais absurdas e violentas. A obra tem seu desfecho com os três vivendo em uma espécie de culto à Powapipinpobopia, assumindo idioma e regras de convivência próprias, além da prática de canibalismo.

Uma fábrica de fazer pessoas: o poder disciplinador

A primeira observação que a narradora e protagonista faz de sua cidade é: “eu moro em uma fábrica de fazer pessoas” (Murata, 2021, p. 47). Ainda criança, com dez anos de idade, Natsuki percebe que o local em que vive é composto de diversos grupos familiares, por pais, mães e filhos, todos voltados para o funcionamento da “Fábrica”, ou seja, para o crescimento da taxa de fecundidade. É através da Fábrica que os indivíduos se colocam no mundo como normativos. Os corpos “desviantes”, que não preparam seus óvulos e testículos para a Fábrica, são aconselhados pelas pessoas a volta. Natsuki e o marido, Tomoya, se referem com frequência a esses conselhos como “doutrinação”.

A cidade em que vivem juntos transparece ao leitor como um cenário paranoico e monitorado, em que os familiares e amigos observam cada ação do casal. Em determinado momento da narrativa, quando os familiares descobrem a relação sem sexo que Natsuki e Tomoya mantêm, uma amiga a convida para jantar e, inesperadamente, revela saber a natureza de seu relacionamento. O contato entre todas as esferas sociais do casal é constante: se um comportamento instável é notado por um departamento, os demais são informados. Remetendo ao poder disciplinador, de Foucault (2021), é um sistema de difícil percepção, o conjunto de todo o corpo social em função da manipulação de um corpo educado:

É um mosaico muito complicado. Em certos períodos, aparecem agentes de ligação... Tomemos o exemplo da filantropia no início do século XIX: pessoas que vêm se ocupar da vida dos outros, de sua saúde, da alimentação, da moradia... Mais tarde, dessa função confusa saíram

personagens, instituições, saberes... [...]. E hoje assistimos a uma proliferação de categorias de trabalhadores sociais.

Naturalmente, a medicina desempenhou o papel de denominador comum... Seu discurso passava de um a outro. Era em nome da medicina que se vinha ver como era instaladas as casas, mas também era em seu nome que se catalogavam um louco, um criminoso, um doente... (Foucault, 2021, p. 243).

Byung-Chul Han (2017) se refere a essa manipulação como “violência sistêmica”, em que, através de mediadores simbólicos, a violência é implícita, dominando todas as esferas sociais e transformando os indivíduos em “presidiários do sistema, obrigando-os a se autoexplorarem” (Han, 2017, p. 168). Assim, Natsuki percebe que as pessoas a sua volta respondem somente a uma vontade: produção de filhos. A natureza da relação de Natsuki e Tomoya é irrelevante aos outros, desde que os dois tenham um filho. Casos extraconjugais, um relacionamento sem sexo, ou mesmo divórcio não importam, contanto que “tratem logo de fazer uma criança” (Murata, 2021, p. 216).

No Japão, a expectativa para o século XXI é o envelhecimento da população em conjunto com uma queda populacional gradativa. Conforme afirma Lopes (2020) em sua tese *Os desafios do Japão, a primeira sociedade super-envelhecida*, o declínio da taxa de natalidade no país está ligado a fatores da condição social e econômica da mulher. Em resposta, o governo japonês tem desenvolvido políticas públicas de natalidade no intuito de incentivar o aumento da taxa de fecundidade. No entanto, como sustenta Lopes (2020), a imagem da mulher e do homem japonês ainda se encontra fortemente enraizada em tradições e costumes conservadores. Dessa forma, a produção de políticas é restritiva ao “ideal” da família japonesa: “uma família nuclear na qual o pai é o ganha-

pão e a mãe é uma dona de casa com dois a três filhos” (Lopes, 2020, p. 115).

Nesse cenário, o casamento no Japão é um produto sociocultural e econômico de uma sociedade voltada para a construção de uma família ideal, ao qual Natsuki e Tomoya não se adequam completamente. Embora os dois se classifiquem como um casal heterossexual, não aplicam suas sexualidades ao casamento. A escolha em se relacionarem como colegas de quarto possibilita manter um casamento duradouro, sem envolver expectativas românticas e sexuais. Compreende-se que os dois vivem um relacionamento *queer*¹, não por suas sexualidades, mas pela natureza “desviante” com a qual se comportam entre si.

Natsuki compreende o sistema que busca normatizar corpos desde a infância, quando passa a ter aulas de educação sexual, ainda no quinto ano do ensino fundamental. A “doutrina” é facilmente detectável para ela, um indivíduo extraterrestre em meio aos terráqueos.

Meu útero era uma peça dessa fábrica, que algum dia iria se conectar aos testículos de outra pessoa – também uma peça da fábrica – e fazer filhotes. Todos os machos e fêmeas filhotes que se retorciavam nos ninhos já tinham essas peças da fábrica escondidas dentro de seus corpos. (Murata, 2021, p. 48)

Toda sua educação parece ser voltada para seu futuro papel como esposa, como aprende ao ver a mãe conversando sobre si com a vizinha. Comentários como “dessa forma não arrumará um marido” expõe para Natsuki como as “identidades

¹ Nesse contexto, Preciado (2019, p. 426-427) afirma que a política das multidões *queer* é a de oposição às dicotomias homem/mulher, heterossexual/homossexual, tido como “normais”, em defesa da multiplicidade de corpos que não se identificam com essa biopolítica: os “anormais”, ou “corpos desviantes”.

de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, [...] são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (Louro, 2013, p. 09). Sua infância é interrompida principalmente pela instituição educacional, que possibilita a compreensão do sistema social em que Natsuki e as demais personagens interagem.

Ali, eu era uma ferramenta em dois sentidos.

Primeiro, tinha de me esforçar nos estudos, para me tornar uma boa ferramenta de trabalho.

Segunda, tinha que me esforçar como menina, para poder me tornar um bom órgão reprodutivo da cidade. (Murata, 2021, p. 52)

A principal consequência dessa realização em Natsuki é a fuga em forma de fantasia. Apresentando-se como uma menina mágica e posteriormente como extraterrestre, a personagem se distancia da sociedade, se colocando com frequência como um ser fora do sistema. Durante a infância, essa fantasia surge como uma maneira de sobreviver às cobranças sociais, seja em nível acadêmico, seja em questões sexuais e de gênero. Ainda assim, Natsuki considerava a “doutrinação” como inevitável. A única solução que encontra para fugir completamente das obrigações de um “adulto” e da violência sexual que sofre é o suicídio, mas a tentativa é frustrada por seu primo Yuu. Assim, Natsuki permanece “sobrevivendo”, conforme prometeu em seus votos de casamento com Yuu.

Na vida adulta, a fantasia assume características de uma dissociação coletiva. Como extraterrestres, habitantes de Powapipinobopia, os três (Natsuki, Tomoya e Yuu) decidem fugir para a casa dos avós de Natsuki (atualmente abandonada)

e viver como extraterrestres pelo maior período possível. Gradativamente a noção de realidade da protagonista se modifica: os três extraterrestres se alimentam de carne humana, andam nus pela casa, dormem todos juntos (como em um ninho) e saqueiam as casas dos vizinhos.

QUANDO A DOR ENCONTRA O SILÊNCIO: A VIOLÊNCIA SEXUAL

Conforme disserta Suzuki (2016), a percepção da sociedade japonesa sobre as vítimas da violência sexual ainda é fortemente estigmatizada. Por se tratar de um grupo social que enfatiza a harmonia coletiva – discurso consequente de crenças confucionistas –, as vítimas acabam sendo responsabilizadas por interromper a tranquilidade ao tentarem denunciar ou confidenciar para alguém.

A posição de Natsuki em sua família é a de “lixreira”. A personagem afirma que em toda a casa é útil ter alguém em quem jogar as frustrações ou sentimentos desagradáveis e que, na sua, essa função é de Natsuki. Assim, a protagonista sofre frequentes abusos verbais e físicos por parte da mãe e da irmã, enquanto pai é uma figura ausente, quase não interagindo com a filha. Isso gera uma atitude passiva em Natsuki, que incorpora os abusos em seu cotidiano, sendo em busca de aprovação na escola, seja fazendo comentários depreciativos sobre si, o que chama a atenção de seu professor Igasaki. Utilizando justificativas como os estudos da menina, o professor frequentemente a assedia. Sem ter com quem falar sobre o assunto, Natsuki tenta lidar com tudo sozinha, cobrindo o corpo com peças de roupa pesadas ou permanecendo em grupo durante as aulas.

A banalização por parte do governo e da sociedade ao enxergarem violência sexual “como uma outra forma de prática sexual e que seu impacto nas vítimas não é grave” (Suzuki, 2016, p. 77, tradução nossa)² acaba por culpabilizar a vítima da violência sofrida. É o que ocorre com Natsuki em determinado momento da obra, após vivenciar um episódio bastante desconfortável com o professor. Ao tentar explicar para a mãe o comportamento esquisito do homem – nesse momento, os assédios se intensificam, com ele até mesmo pegando um absorvente usado de Natsuki do banheiro e a ensinando a utilizá-lo da maneira correta, obrigando a menina a trocar de absorvente na sua frente –, a personagem é rapidamente atacada verbal e fisicamente:

Eu não conseguia expressar em palavras a “atmosfera” que envolvia o professor nessas horas em que ele era estranho.

– É que a sua postura é um desastre! Eu sempre te digo isso. Aí o professor te dá uma bronca e você pensa logo nessas indecências!? Mas você é muito descarada, mesmo!

– Não, eu juro, ele estava sendo **estranho**!

– Imagine, que ideia! Ele nunca olharia desse jeito para uma menina com um corpo infantil que nem o seu. Você é que inventa essas coisas porque tem a mente suja! A indecente aqui é você”

Diante da rajada de palavras de minha mãe, eu não consegui falar mais nada. (Murata, 2021, p. 66)

A mãe a bate com um chinelo repetidamente, em diversas partes do corpo, enquanto a menina pede desculpas como um mantra. Mesmo depois do episódio de violência sexual que Natsuki sofre, a família ignora os sinais do abuso, culpando a menina nos momentos em que ela tenta desabafar ou apresenta sintomas visíveis. A própria relação sexual que

² “[...] is perceived as another form of sex and its impact on victims is not serious.”

Natsuki tem Yuu é silenciada pela família, que separa os dois e monitoram Natsuki por vinte e três anos, até mesmo casada.

O principal sintoma das violências doméstica e sexual em Natsuki é a despersonalização como mecanismo de defesa. Conforme Maraldi (2014), em sua tese *Dissociação, crença e identidade: uma perspectiva psicossocial*, a despersonalização é um tipo de transtorno dissociativo que tem como características básicas “1) uma impressão subjetiva de ausência ou restrição das emoções (hypoemotinality) e 2) uma impressão subjetiva de ausência da realidade ou de familiaridade consigo e com o mundo” (Maraldi, 2014, p. 126). Essas duas características são perceptíveis na personagem Natsuki e são comuns em vítimas de violência sexual.

Quando é agredida pela mãe ao tentar desabafar sobre o professor, Natsuki utiliza seu poder mágico e desliga sua capacidade de sentir dor. Essa técnica é manipulada pela protagonista com frequência na obra, principalmente em momentos traumáticos. Durante o ato de violência sexual, Natsuki consegue sair do próprio corpo e observar a situação de cima, assumindo ter adquirido um poder mágico novo.

Meu corpo estava vazio agora que meu espírito flutuava próximo ao teto, mas o professor continuava a falar com ele. [...] Apesar de eu ter saído do corpo e estar lá no alto, meu corpo respondeu, concordando. Fiquei vendo a mim mesma diante do professor. (Murata, 2021, p. 77-78)

O mesmo fenômeno ocorre quando Natsuki assassina o professor. Acreditando estar se livrando de uma bruxa malvada que controla seu abusador, Natsuki vai até a casa dele. Repentinamente, a personagem passa a enxergar tudo em cor de rosa e, em um breve momento de hesitação, se vê novamente fora do corpo. Percebe-se aqui o fenômeno como

uma forma da protagonista se distanciar de seus atos violentos. Ao decorrer da obra Natsuki questiona a si mesma se o que matou foi a bruxa ou o professor, somente admitindo a verdade quando adulta, já em sua vida como extraterrestre.

Outro sintoma da despersonalização é a falta de sensibilidade em partes do corpo que tiveram contato direto ou indireto com o abusador. Após a violência sexual, Natsuki perde o paladar até a vida adulta. No início, recusava comer por não sentir apetite, mas, ao ser internada, é forçada pela mãe a se alimentar. Seu paladar retorna a funcionar somente quando, vivendo como extraterrestre, Natsuki come carne humana.

– Eu senti o gosto!

– O que é que tem? Claro que sentiu o gosto, é comida. –
Yuu riu, achando meu comentário curioso.

Mas eu estava quase pulando de emoção por finalmente sentir algum sabor. Minha boca, que eu supunha que ficaria quebrada pelo resto da vida, havia voltado a ser minha. O caldo da carne se espalhou ao redor da minha língua, e aquela mistura de cheiro forte com sabor agradável preencheu, pouco a pouco, todo o meu corpo.

Fui devorando tudo, extasiada. Sentia-me como se estivesse comendo pela primeira vez em vinte e três anos. (Murata, 2021, p. 270-271)

A menina também fica surda do ouvido direito, como consequência de uma conversa por telefone com o professor. Compreende-se que o corpo da personagem reage a presença de seu abusador, algo completamente fora do controle de Natsuki. A personagem afirma que essas partes de seu corpo estão quebradas, ou mortas, e que não já não pertencem a ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Terráqueos* (2021), Sayaka Murata expõe cruamente como a violência, incorporada em todas as esferas sociais, produz e reproduz indivíduos violentados e violentos. A sociedade voltada para a produção de indivíduos heteronormativos, o ambiente familiar abusivo verbal e fisicamente – situação em que Natsuki vive – proporcionam o cenário ideal para a violência sexual. A única solução encontrada pela personagem é se enxergar como um estrangeiro – na forma de extraterrestre –, justificando assim os abusos sofridos. A fantasia como alternativa para a realidade opressora em que sobrevive manifesta sintomas de dissociação com os quais a protagonista precisa lidar até a vida adulta, se questionando frequentemente o que é real e se é, de fato, uma extraterrestre.

O desfecho de Natsuki, forçada a lidar com o silenciamento e com as consequências emocionais e psicológicas desde a infância, é o único resultado compreensível no cenário violento e silenciador em que se encontra. Como um ciclo de violência, o abuso sofrido por seu professor ocasiona no assassinato do mesmo e, posteriormente, no assassinato de seus pais, que perseguem Natsuki em busca de vingança. A violência explícita no final da narrativa, como um espetáculo, surge como efeito natural da violência implícita da sociedade japonesa, que se faz presente no silêncio.

Assumindo o papel de extraterrestre, abandonando as regras sociais e sexuais impostas e renunciando a sua identidade como humana, Natsuki se distancia da sociedade, que a rejeita em todas as camadas, e resgata sua autonomia, seu corpo e sua sexualidade. Ao lado de Yuu e Tomoya,

indivíduos rejeitados e violentados como ela, Natsuki cria um lar em que é aceita e amada.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Poder-corpo. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. José Thomaz Brum Duarte e Déborah Darrowski. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021. Cap. 9. p. 234-243.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

LOPES, Beatriz Kaori Miyakoshi. **Os desafios do Japão, a primeira sociedade super-envelhecida**: envelhecimento, declínio populacional e a condição das mulheres japonesas. 2020. 176 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, Departamento de Letras Orientais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-20042021-150414/publico/2020_BeatrizKaoriMiyakoshiLopes_VCorr.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: **O corpo educado**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MARALDI, Everton de Oliveira. **Dissociação, crença e identidade**: uma perspectiva psicossocial. 2014. 629 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Cap. 1. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-18032015-105415/publico/maraldi_original.pdf. Acesso em: 14 dez. 2022.

MURATA, Sayaka. **Terráqueos**. Trad. Rita Kohl. São Paulo: Estação Liberdade, 2021. 288 p.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". Trad. Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento**

feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 421-430.

SUZUKI, Yumi E.. "Sexual Violence in Japan: implications of the lay judge system on victims of sexual violence". **Journal Of Law And Criminal Justice**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 75-81, jun. 2016. American Research Institute for Policy Development. <http://dx.doi.org/10.15640/jlcj.v4n1a5>. Disponível em: <http://jlcjnet.com/journals/jlcj/Vol_4_No_1_June_2016/5.pdf> Acesso em: 02 dez. 2022.

Enviado em: 08 de outubro de 2025
Aprovado em: 07 de novembro de 2025